

O Grupo Comunicacional de São Bernardo: idéias hegemônicas e perfil sociográfico¹

JOSÉ MARQUES DE MELO²
(Universidade Metodista de São Paulo)

Resumo

O artigo reconstitui o percurso histórico da equipe de pesquisadores da comunicação atuante na UMESP - Universidade Metodista de São Paulo, delineando a essência das idéias ali germinadas e difundidas durante duas décadas, bem como apresentando seu atual perfil sociográfico.

Palavras-chave: História das Ciências da Comunicação. Escola Latino-Americana de Comunicação. Pensamento Comunicacional Brasileiro.

Resumen

El artículo reconstituye la trayectoria histórica del equipo de investigadores de la comunicación vinculada a la UMESP - Universidad Metodista de São Paulo, subrayando la esencia de las ideas allí germinadas y difundidas durante dos décadas, además de presentar su actual perfil sociográfico.

Palabras-clave: Historia de las Ciencias de la Comunicación. Escuela Latinoamericana de Comunicación. Pensamiento Comunicacional Brasileño.

Abstract

The article rebuilds the historical background of the communication research group linked to UMESP - Methodist University of São Paulo, outlining the substantial ideas that were produced and difused during two decades and also presenting its sociographic profile.

Keywords: History of Communication Sciences. Latin American School of Communication. Brazilian Communication Thought.

1 ORIGINAL RECEBIDO PELO CONSELHO EDITORIAL NO DIA 28/12/1998.

2 Diretor da Faculdade de Ciências da Comunicação e da Cultura (FACOM) e Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social (PÓSCOM) da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

A conjuntura histórica

Há 20 anos, formou-se na cidade de São Bernardo do Campo, no estado brasileiro de São Paulo, um grupo de pesquisadores da comunicação que buscava avançar no plano teórico e inovar no âmbito metodológico.

O momento era propício, pois o Brasil vivia uma singular conjuntura política. Evidenciava-se o esgotamento do ciclo militar pós-64 e começava uma nova experiência democrática, afinal consolidada pela Constituição de 1988. O cenário ajustava-se perfeitamente. Os movimentos sindicais que desafiaram o regime autoritário tinham no ABCD paulista a sua cabeça de lança. Aqui, o Partido dos Trabalhadores deu os seus primeiros passos. Aqui, as igrejas cristãs vivenciaram práticas pastorais inspiradas na Teologia da Libertação. Aqui, foram instauradas formas renovadoras de negociação entre capital e trabalho. Configurava-se, portanto, o que a imprensa rotulou como a “República de São Bernardo”.

Exatamente nesse território, fora criada no início dos anos 70 uma nova organização universitária, denominada Federação de Escolas Superiores do ABC, mantida pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. Dentro de suas fronteiras e numa dinâmica interlocução com os movimentos sociais que iriam assumir projeção nacional, emerge o núcleo de estudos comunicacionais que também ficaria conhecido como Grupo de São Bernardo³.

A emergente instituição potencializava o capital cultural acumulado desde 1938 pela Igreja Metodista, no campus de Rudge Ramos, onde estabelecera uma Faculdade de Teologia destinada a formar quadros eclesiais para todo o país. As lideranças metodistas avaliaram o patrimônio disponível, decidindo ampliar sua atuação educacional para toda a sociedade, mantido naturalmente o seu compromisso com a comunidade wesleyana.

Tal estabelecimento foi crescendo significativamente nos anos seguintes e ganhou reconhecimento público pela qualidade da educação disseminada. Um desses indicadores foi a presença constante dos cursos de comunicação social, especialmente o de Jornalismo, no *top* de *rankings* nacionais dos melhores cursos superiores, como o elaborado anualmente pela Editora Abril.

O embrião da universidade

Em vista dessa ressonância coletiva, o então diretor da casa, Rev. Dr. B. P. Bittencourt, convenceu o *board* do IMS a lançar um projeto mais arrojado, construindo as bases de uma universidade. Para tanto, criou um Centro de Pós-Graduação, no estilo das *graduate school* norte-americanas,

³ Para compreender o contexto comunicacional em que gravitava o grupo emergente vale a pena consultar a edição n. 10 da revista *Comunicação & Sociedade*, dedicada ao tema “A Comunicação no ABC”

com a finalidade de desenvolver pesquisas avançadas e formar lideranças acadêmicas.

Contratou docentes titulados, ou seja, doutores e livre-docentes. Reforçou os acervos bibliográficos, comprou laboratórios e equipamentos, oferecendo condições adequadas de trabalho aos pesquisadores, tanto em termos ambientais quanto salariais. Enfim, recrutou equipes motivadas e competentes, cuja não-endogenia favoreceu a criação de um clima plural, disciplinado e de certo modo competitivo. A direção das equipes foi confiada a pesquisadores-senior, dotados de liderança acadêmica e de carisma intelectual, capazes de aglutinar jovens doutores em torno de projetos científicos relevantes.

Esse conglomerado de investigação científica e de estudos avançados foi responsável pela acumulação de conhecimentos e pela legitimação acadêmica da instituição. Não lhe foi difícil adquirir, pouco a pouco, prestígio nacional e internacional, justificando sua ascensão ao patamar das universidades brasileiras. A preocupação constante com os padrões de excelência recomendados pela CAPES e pelo CNPq assegurou aos cursos pioneiros conceitos positivos nas avaliações periódicas realizadas pelo sistema nacional de ciência e tecnologia, carreado recursos para pesquisas e infra-estrutura.

Assim sendo, quando se instalou a UMESP - Universidade Metodista de São Paulo -, em julho de 1997, ficou evidente a importância dos núcleos de pós-graduação como geradores de credibilidade institucional. Eles constituíam os celeiros dos doutores e mestres engajados nos projetos de produção científica e disseminação de novos conhecimentos.

As dissertações de mestrado, teses de doutorado, revistas, livros, papers e outros documentos produzidos pelas suas equipes de pesquisadores atestaram a maturidade acadêmica da federação educacional que ascendia ao status universitário, de acordo com os requisitos estabelecidos pelo Ministério da Educação.

O primeiro desses núcleos a ser constituído na estrutura do IMS foi o de ciências da comunicação. Logo depois foi agregado o antigo núcleo de estudos pós-graduados da Faculdade de Teologia, que se reestruturou e se ampliou, abrangendo todo o campo de ciências da religião. A ele foram acrescentados os segmentos de ciências da administração, psicologia e odontologia.

O curso de pós-graduação em comunicação social, inicialmente circunscrito ao nível de mestrado⁴, mas hoje expandido para incluir o doutorado, tem sido o carro-chefe desse movimento investigativo no campus da UMESP, dando à instituição visibilidade internacional e prestígio nacional. A publicação ininterrupta da revista *Comunicação & Sociedade*, que con-

⁴ As diretrizes iniciais do curso e seus primeiros projetos de pesquisa estão descritos no artigo Da comunicação popular à popularização da ciência, In: MARQUES DE MELO, José - *Pesquisa em Comunicação no Brasil: tendências e perspectivas*, São Paulo, Cortez/INTERCOM, 1983, p.139-152.

tuou com apoio inicial do CNPq e recentemente da FAPESP, tem sido fator de projeção acadêmica da UMESp e requisito para a identificação do Grupo de São Bernardo no âmbito da comunidade nacional de ciências da comunicação.

Procede justamente desse periódico científico, integrante da Rede Ibero-Americana de Revistas de Ciências da Comunicação, a maioria dos artigos reunidos na coletânea *Pensamento Comunicacional Brasileiro: O Grupo de São Bernardo* (S. B. do Campo, UMESp, 1999). Sua intenção foi reconstituir a trajetória intelectual percorrida pelo curso, através de escritos paradigmáticos do seu corpo docente. Alguns deles adquiriram vida própria, em seu momento, circulando em colóquios, congressos e salas de aula. Suscitaram polêmicas, provocaram debates, respaldaram hipóteses de trabalho no campo ou em experimentos controlados.

Sua organização sinaliza as duas grandes fases que marcaram o perfil do curso nestes vinte anos. Trata-se de uma edição que celebra os 20 anos de existência do Grupo Comunicacional de São Bernardo, convertendo-se em fonte singular para o resgate e identificação das idéias que conquistaram hegemonia, difundindo-se na comunidade acadêmica nacional.

Idéias germinadoras

A primeira parte do volume é constituída por idéias germinadoras, lançadas pela equipe pioneira. Trata-se de duas dezenas de escritos produzidos pelos professores que trabalharam no curso na sua primeira década. Em cada um deles é possível identificar as marcas da conjuntura histórica. No plano internacional eram visíveis os estereótipos da guerra fria. No plano nacional evidenciava-se a transição do regime militar para o ciclo de governos civis, emoldurados pela democracia representativa.

Sua composição teórica é marcada pela heterogeneidade. Ela reflete a natureza multi-disciplinar, pluri-espacial e inter-geracional do primeiro grupo. Houve uma preocupação deliberadamente eclética na sua organização, justamente por acreditarmos que a universidade é o local dialético por excelência, onde concepções diferentes se confrontam de modo dinâmico, onde personalidades diversas convivem e competem de forma civilizada.

O caráter multidisciplinar foi, por um lado, contingência temporal, ou seja, indisponibilidade de massa crítica suficiente de comunicólogos ou midiólogos no Brasil, naquele momento. Por outro lado, correspondeu à reprodução de experiências que já haviam sido testadas em outras quadraturas, com resultados satisfatórios. Trata-se da estruturação do grupo multidisciplinar constituído nos Estados Unidos, sob a liderança de Wilbur Schramm, na década de 30, para fundamentar as estratégias de comunicação política que respaldaram a ofensiva das tropas aliadas durante a Segunda guerra Mundial. Mas também se refere à conformação das equipes ecléticas que Jorge Fernández estruturou anualmente no CIESPAL - Centro de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina - com a finalidade de estabelecer diretrizes de comunicação para o desenvolvi-

to na mega-região que vai do Rio Grande à Patagônia, durante a década de 60, contando com apoio da UNESCO e da OEA.

A fisionomia pluri-espacial inspirou-se de algum maneira na gênese da Escola Latino-Americana de Comunicação, cuja mescla de postulados europeus e de empirias norte-americanas vinha propiciando o desenvolvimento de uma nova corrente internacional caracterizada pelo rigor acadêmico, mas também pela ousadia sócio-política. Assim sendo, foram recrutados professores com formação diversificada, provenientes de universidades brasileiras, canadenses, estadunidenses, alemãs e francesas.

Por sua vez, o perfil inter-geracional obedeceu à estratégia de combinar a maturidade de catedráticos reconhecidos e o elã de jovens pesquisadores, alguns recém-doutores, outros em processo de doutoramento, cuja capacidade de ensino/pesquisa já sido previamente testada por seus tutores acadêmicos. Esse segmento júnior responsabilizou-se quase sempre pelos projetos laboratoriais ou pelos experimentos controlados no campo, através dos quais o Grupo de São Bernardo construiu sua identidade comunicacional.

Assim sendo, as primeiras turmas de mestrandos receberam lições e tomaram contato com as idéias disseminadas por um grupo de comunicólogos integrado por José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato e Cândido Teobaldo Andrade, integrantes da primeira safra de doutores colhida pela USP, aos quais se agregaram o teólogo B. P. Bittencourt, o filósofo Jaci Maraschin, o antropólogo Egon Schaden, a socióloga Neusa Meirelles, o psico-pedagogo Joel Camacho, o politicólogo Paulo José Krische.

Esse grupo inicial foi se ampliando paulatinamente com a adesão de doutores formados no campo das humanidades (letras e artes), portando já experiências concretas em territórios fronteiriços entre a mídia e a literatura, a indústria cultural e a cultura popular, as telecomunicações e a educação à distância, como foram os casos de Luis Roberto Alves, Jerusa Pires Ferreira e Fredric M. Litto. A ele foram incorporados recém doutores ou mestres oriundos do próprio campo das ciências da comunicação, treinados em universidades estrangeiras. Incluem-se aí Onésimo de Oliveira Cardoso e Ciro Marcondes Filho, procedentes da Alemanha; Fernando Perrone e Luis Fernando Santoro, originários da França; Orjan Olsen e Carlos Eduardo Lins da Silva, vindos do Estados Unidos. E também aqueles cuja formação pós-graduada se deu exclusivamente em universidades brasileiras: Wilson Bueno, Ismar de Oliveira Soares e José Manuel Morán Costas.

O pensamento desse grupo que atuou na primeira fase do curso é inegavelmente polifacético. Isso reflete também sua diretriz original, marcada pela absoluta liberdade de cátedra e pela expectativa da instituição no sentido de constituir um caldo de cultura destinado a germinar novas idéias, novos paradigmas, novas propostas.

O arco ideológico em torno do qual gravitávamos permitia o diálogo entre o funcionalismo e o marxismo, o weberianismo e a teologia da libertação, a teoria crítica e o pragmatismo, a estética da recepção e a folkcomunicação, o difusionismo e o alternativismo.

Os eixos temáticos cobertos pelo curso propiciavam tal polissemia. Nossas áreas de concentração buscaram privilegiar nichos científicos em certo sentido não contemplados institucionalmente pelos cursos congêneres existentes no país.

Localizamos nossas pesquisas em fenômenos da comunicação não-hegemônica, no universo midiático, e na comunicação dialógica, no universo organizacional. Pretendíamos dar o mesmo peso e atenção ao capital e ao trabalho. À indústria cultural e à comunicação popular. Aos meios e às mensagens. Aos produtores e aos receptores. Aos códigos e às ideologias. Às agendas temáticas e às rotinas profissionais.

Queríamos compreender a engrenagem midiática no contexto da transnacionalização, suas contradições sócio-econômicas, suas implicações político-pedagógicas, especialmente os contra-fluxos regionais sul-norte. Naquela antologia, dão conta desse aspecto os artigos de Carlos Eduardo Lins da Silva, Ciro Marcondes Filho, Fernando Perrone, Paulo José Krische, Joel Camacho, José Manuel Morám Costas e Orjan Olsen.

Da mesma forma, desejávamos desvendar os mecanismos constituintes da mídia de pequeno porte, regional, comunitária, participativa, e ao mesmo tempo elucidar as formas de apropriação da cultura popular ou da cultura erudita pela mídia massiva, ou seja, pela indústria transnacionalizada. Tais nuances estão ali representadas pelos artigos de Egon Schaden, Jerusa Pires Ferreira, Luiz Roberto Alves, Luiz Fernando Santoro e Neusa Meirelles.

Também estudávamos a mediação simbólica interclassista, processada no interior das organizações governamentais ou das empresas multinacionais, onde os sindicatos dos trabalhadores se valem dos mesmos instrumentos de persuasão utilizados pelos órgãos patronais para dirimir questões corporativas. A isso correspondem os artigos de Cândido Teobaldo Andrade, Gaudêncio Torquato e Wilson da Costa Bueno.

Uma janela sempre aberta aos olhares dos pesquisadores foi o da comunicação eclesial, na tentativa de mapear as iniciativas das igrejas e das comunidades religiosas, mas também com a finalidade de estocar conhecimento sobre as potencialidades evangélicas da mídia, massiva ou segmentada. Ilustram essa dimensão os artigos de B. P. Bittencourt e Ismar de Oliveira Soares.

Igualmente priorizávamos questões de natureza teórica, em torno de autores ou de conceitos, bem como reflexões de porte ético-social, como o comprovam os artigos de Frederic M. Litto, Jaci Correia Maraschin, José Marques de Melo e Onésimo de Oliveira Cardoso.

Idéias atualizadoras

Durante os anos 90, o curso buscou ajustar-se aos novos cenários e aos novos atores que demarcam sua fisionomia.

Sua composição estudantil mudou radicalmente. Se nos primeiros tempos predominavam os alunos da própria macro-região, ou seja, do complexo metropolitano de São Paulo, no final da década passada verificava-se

uma afluência de estudantes de todas regiões brasileiras e de alguns países latino-americanos.

Seu corpo docente se recompôs inteiramente. Da primeira equipe de professores poucos permaneceram na instituição. Houve uma migração, durante os anos 80, em direção às universidades estaduais e às universidades católicas, então oferecendo melhores condições de trabalho. Isso foi reflexo da crise que abateu o antigo IMS, pouco antes da criação da UMESP. Recentemente, quando a instituição retomou as diretrizes do projeto de excelência acadêmica que estavam na sua origem, foi possível atrair professores qualificados das universidades públicas ou confessionais.

A consolidação do programa de mestrado indicava que o caminho em direção ao doutorado era inexorável, não apenas para atender às aspirações dos nossos antigos alunos, que desejavam prosseguir sua trajetória acadêmica, mas também para corresponder às expectativas do sistema universitário nacional que demandava docentes com maior titulação. A elaboração do processo de implantação do doutorado requereu também sintonia fina com as tendências esboçadas pela comunidade acadêmica. Devidamente assimiladas pelas agências de fomento científico elas sinalizavam os requisitos indispensáveis ao credenciamento federal. Dentre tais exigências estava a organização do trabalho científico em torno de linhas de pesquisa, evitando-se a fragmentação propiciada pelo regime da liberdade de cátedra. Mais do que isso, a opção pelas linhas de pesquisa deveria evitar superposição em relação aos programas congêneres.

Tornava-se indispensável repensar a identidade do curso, em vista dessa moldura inovadora, dos personagens diversificados e também em função das demandas da própria sociedade. Ao iniciar o processo de mudança reconhecíamos que a estrutura do curso permanecia de certo modo atrelada a indicadores que já haviam sido superados pela conjuntura histórica e pelo avanço percorrido no âmbito das instituições que ofereciam programas semelhantes.

O resultado foi a organização de uma estratégia transicional entre o velho e o novo. Buscamos aglutinar nossos pesquisadores em torno de duas linhas de pesquisa, embora permitindo-lhes certa liberdade temática sem comprometer o núcleo matricial. Estamos em pleno período de sedimentação dessa experiência, ajustando nossos enfoques investigativos, mas já conscientes de que é preciso partir para um projeto mais ousado, consentâneo com as exigências do novo século.

Para tanto, necessitávamos garantir recursos mínimos destinadas ao trabalho intelectual. Tais condições começaram a ser propiciadas logo após a instalação da universidade, ou seja, a transformação da antiga federação de escolas em UMESP.

A quase totalidade da equipe docente foi contratada em regime de tempo integral, o que assegura dedicação à pesquisa, além do ensino e da extensão. Foi construído um edifício que abriga exclusivamente o curso, oferecendo ambiente confortável, mobiliário adequado e infra-estrutura tecnológica de última geração. Temos também o compromisso institucional

de respaldar o fluxo do conhecimento aqui produzido para abastecer a sociedade, através de publicações, comunicações a congressos científicos e mecanismos similares.

Na esperança de que tal cenário seja mantido e melhorado, os docentes-pesquisadores têm procurado atualizar-se continuamente, antenados nas alterações velozes que ocorrem nesse liminar de sociedade da informação. Nossas produções intelectuais estão situadas em dois patamares que se complementam dialeticamente.

Num polo, temos um conjunto de estudos macro-comunicacionais, denominado estudos de mídia, que procura dar conta do universo industrial da comunicação massiva, aí incluindo aqueles segmentos periféricos, tanto regionais quanto locais, que na verdade deixaram de ocupar papéis marginais no mercado midiático, convertendo-se muitas vezes em mecanismos retro-alimentadores dos sistemas nacionais ou globais.

Tais fenômenos são dimensionados em suas variáveis históricas, políticas, econômicas, culturais e comportamentais, envolvendo todo o processo produtivo, das estratégias empresariais e dos fluxos de geração e difusão dos bens simbólicos às etapas de recepção e aos impactos provocados no organismo social. Situam-se nesse segmento os artigos de Adolpho Queiroz, Anamaria Fadul, Antonio Carlos Ruótulo, Cicilia Peruzzo, José Marques de Melo, José Salvador Faro e Sandra Reimão.

O outro recorte orienta-se para a análise dos processos de comunicação pública, tanto os direcionados para audiências cativas dentro de micro-organizações, quanto aqueles vocacionados para atingir audiências heterogêneas, anônimas e dispersas, socializando conhecimentos, divulgando informações e vulgarizando idéias, através dos *mass media*.

Trata-se daquele universo mais conhecido como democratização da comunicação, divulgação científica, teleformação, merchandising social ou cibercultura, como pode se ver nos artigos escritos por Gino Giacomini Filho, Graça Caldas, Isaac Epstein, Jacques Vigneron e Wilson da Costa Bueno.

Estão enfeixadas em tal conjunto as idéias atualizadoras produzidas pelos colegas que também participaram dos instantes iniciais desta última fase, mas que hoje atuam em outras universidades, no país e no exterior. São os casos de Joana Puntel, Luiz Fernando Santoro, Luiz Roberto Alves e Onésimo de Oliveira Cardoso.

Identidade e vanguarda

A publicação da antologia *Pensamento Comunicacional Brasileiro: o Grupo de São Bernardo* destinou-se a comemorar simbolicamente os 20 anos de atividades do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESp. Ao reunir os textos paradigmáticos produzidos pelos seus docentes, durante duas décadas, tivemos a intenção de revelar à comunidade acadêmica os componentes da nossa identidade comunicacional.

Não obstante tenhamos atualizado as nossas idéias, em vista da transformação de panoramas e da mudança de protagonistas, na essência per-

manecemos fiéis às nossas raízes. Entendemos que os processos de comunicação social, tanto interpessoal, quanto organizacional ou massiva, constituem modalidades de expressão humana, representando as tecnologias e suas aplicações mero instrumental a serviço do desenvolvimento sócio-econômico e da socialização cultural. Estudá-los e pesquisá-los implica não em diletantismo acadêmico, mas em compromisso ético que se traduz pela compreensão das suas engrenagens e dos seus impactos sociais e pela busca de alternativas capazes de melhorar pragmaticamente o seu desempenho público, em sintonia com as demandas da coletividade.

Tal plataforma corresponde, com maior ou menor precisão, ao volume de conhecimentos estocados nesse período. São mais de duas centenas dissertações de mestrado e meia dezena de teses de doutorado, defendidas pelos nossos alunos, sob a orientação dos nossos professores. São trinta edições da revista *Comunicação & Sociedade*, perfazendo mais de trezentos artigos científicos. São as dezenas de livros publicados pelos nossos pesquisadores. São as centenas de comunicações ou *papers* inscritos pelas nossas equipes de docentes e discentes em congressos regionais, nacionais ou internacionais. São os programas de intercâmbio internacional, propiciando aos alunos o conhecimento de realidades outras, seja através de viagens, seja através de visitantes estrangeiros. São os inúmeros eventos que acolhemos em nosso campus, aprofundando relações com outras universidades e instituições acadêmicas, profissionais ou empresariais. São as múltiplas palestras e conferências proferidas em nossos auditórios por autoridades e representantes de organizações midiáticas. Somente nos últimos dois anos registramos, durante os períodos letivos, pelos menos um colóquio semanal, por iniciativa da Cátedra UNESCO/UMESP.

A antologia pretendeu servir como alavanca para ampliar nossa inserção na comunidade acadêmica e como passaporte para reduzir o *gap* que ainda nos distancia do mundo profissional e dos diferentes segmentos que configuram o mercado de trabalho midiático. Este representa o maior desafio da próxima década.

Em função dele esperamos continuar atualizando o nosso pensamento comunicacional, mantendo o Grupo de São Bernardo sintonizado com os novos tempos e na vanguarda intelectual, sem perder de perspectiva as demandas coletivas.

Perfil sociográfico

O Grupo Comunicacional de São Bernardo é formado atualmente por 12 professores-doutores⁵, cujo retrato de corpo inteiro pode ser fixado

⁵ O corpo docente do curso registra, hoje, a presença de 13 integrantes, sendo que um deles está em fase final de conclusão do seu doutorado nos EUA. Tão logo conclua essa etapa da sua formação acadêmica esse novo docente estará habilitado a orientar dissertações de mestrado, adquirindo assim o status de pesquisador independente, condição para o seu ingresso no Grupo Comunicacional.

num flagrante com os seguintes contornos, extraídos de questionários preenchidos pelos próprios pesquisadores, numa enquete que realizada durante o mês de agosto de 1998 com a colaboração da doutoranda Samantha Castelo Branco:

Grupo relativamente jovem segundo os padrões da comunidade científica internacional, possuindo idade média de 56 anos. Preserva lideranças testadas pela maturidade acadêmica (2 pesquisadores estão na faixa dos 70-60 anos), mas ao mesmo tempo incentiva a participação de pesquisadores mais jovens (4 estão na faixa dos 40 anos).

Ainda majoritariamente masculino (8 homens e 4 mulheres), vem procurando atingir um certo equilíbrio na tocante ao gênero humano. Há 4 anos registrava a presença de apenas 1 mulher. Esse número triplicou nos últimos três anos, com a contratação de uma nova mulher cada ano.

Quase que exclusivamente integrado por brasileiros, pois apenas um dos seus integrantes nasceu em outro país. É predominantemente paulista (metade natural de cidades do interior e metade nascida na capital). Mas não é um grupo fechado, sendo que um terço provém de outras plagas: 1 francês, 1 capixaba e 2 nordestinos.

Sua origem acadêmica reflete a tendência nacional observada na composição da comunidade acadêmica das ciências da comunicação⁶. A maioria revela identidade comunicacional, tendo buscado formação progressiva na própria área de ciências da comunicação, embora tenha mantido o diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento. O segmento majoritário tem formação universitária básica - bacharelado - em ciências da comunicação - 4 formados em Jornalismo, 2 em Publicidade e Propaganda e 1 em Relações Públicas. A menor fração é integrada por bacharéis oriundos de outros campos do saber: 3 de Filosofia, 1 de História e 1 das Engenharias. No que se refere ao mestrado e ao doutorado, intensifica-se a progressão para adquirir competência cognitiva na própria área de conhecimento: 8 fizeram mestrado e 10 doutorado em ciências da comunicação. A área conexas preferida pela parcela minoritária foi a Filosofia (dois deles obtiveram aí os seus graus de mestre e doutor)⁷.

Trata-se também de um grupo não-endógeno. Somente 3 deles conquistaram o grau de mestre na própria UESP e apenas 1 obteve o título de doutor na instituição. No seu conjunto, o grupo tem formação avançada em universidades brasileiras, sendo que apenas 2 procedem de mestrados e doutorados em universidades estrangeiras (um dos EUA e

6 Tomamos como ponto de referência o diagnóstico patrocinado pelo CNPq - "A pesquisa em comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas", co-autores: Sérgio CAPARELLI e José MARQUES DE MELO. In: *Revista Brasileira de Comunicação*, ano XIII, n. 62/63, São Paulo, INTERCOM, 1990, p. 5-45

7 Dos 12 doutores integrantes do Grupo de São Bernardo, 2 deles não passaram pelo nível de mestrado, por pertencerem a uma geração diplomada segundo o antigo "sistema europeu", quando se avançava diretamente do bacharelado para o doutorado. A generalização do mestrado, uma inovação do "sistema norte-americano", só se deu nos últimos 25 anos, inclusive no Brasil.

outro da França). Para compensar a prevalência do *background* acadêmico nacional, metade do grupo já vivenciou experiências de pós-doutorado no exterior, 3 deles em universidades norte-americanas e 4 em universidades européias (francesas e espanholas).

Destaca-se como uma equipe intelectualmente motivada, com significativo índice de produtividade acadêmica. Nos últimos 5 anos, a produção média anual do grupo tem sido de 11,8 publicações por pesquisador. O grupo atua simultaneamente em duas frentes de difusão científica. Por um lado, dissemina os resultados da sua pesquisa através dos veículos convencionais em que se nutrem os professores e pesquisadores para se manter atualizados em relação aos avanços da ciência, arte e tecnologia, ou seja, livros, periódicos e anais de congressos. Nesse segmento, sua produção é de 23 artigos/ano, o que equivale a 2 artigos/pesquisador publicados anualmente em revistas científicas; 14 trabalhos/ano publicados em anais de congressos, o que corresponde a 1,2 comunicação científica que cada pesquisador logra inscrever em reuniões a que comparecem seus pares acadêmicos; e 8 livros/ano (aí incluídos os livros de autoria individual, co-autoria, organização de coletâneas ou capítulos de livros), representando a média anual de 0,6 livro/docente. Por outro lado, está fortemente empenhado em divulgar o conhecimento novo, transformando-o em artigos veiculados por jornais e revistas, seja de grande circulação, seja destinados a públicos segmentados (geralmente corporações profissionais). Essa produção totaliza 196 artigos/ano, distribuídos pelo conjunto dos pesquisadores, cada um deles sendo responsável pela publicação anual de 8 artigos. A tendência dessa produção é crescer no próximo quinquênio, tendo em vista as melhores condições em que trabalham na universidade: 11 dos 13 professores estão contratados em regime de tempo integral. Isso lhes permite desenvolver projetos de pesquisa que se converterão naturalmente em produtos a serem difundidos, inicialmente em periódicos científicos e depois reescritos em linguagem comum para divulgação na mídia massiva ou segmentada.

Além das atividades de ensino, pesquisa e extensão que realizam permanentemente no campus da UMESP, os membros do grupo destacam-se nas comunidades nacional e internacional das ciências da comunicação, liderando sociedades científicas, coordenando grupos de estudos, organizando congressos e seminários, assessorando as agências de fomento educacional e científico, além de eventuais trabalhos de consultoria junto a empresas midiáticas ou universitárias.

É também um grupo que vem se renovando periodicamente, sem abandonar suas raízes históricas. Do total da equipe, 1 pesquisador provém da equipe fundadora, tendo nele ingressado em 1978; 5 são remanescentes dos que aderiram nos anos 80; 6 foram incorporados na década de 90, alguns convidados por sua maturidade acadêmica, devidamente reconhecida em universidades nacionais, onde atuaram durante anos, e outros contratados na condição de jovens pesquisadores, recém-doutorados, detentores de potencial científico e capacidade de liderança profissional. Tal-

vez a característica identificadora das novas aquisições do grupo seja a sua dupla sintonia com a universidade e com o mercado de trabalho.

O grupo atua de forma integrada, embora sub-dividido em duas equipes de pesquisa. Uma vinculada à linha de Estudos de Mídia, onde se desenvolvem 7 projetos temáticos: midiologia comparada, cultura midiática, internacionalização midiática, história das indústrias midiáticas, engrenagens da propaganda, mídia comunitária, estudos de audiência e recepção. Outra ancorada na linha de pesquisa Estratégias e Políticas de Comunicação, cujo objeto privilegiado tem sido a divulgação científica, espaço para o qual convergem 6 projetos temáticos: divulgação de ciência e política de C&T; a comunicação no universo dos cientistas; jornalismo científico e divulgação científica; comunicação e promoção de processos mercadológicos em C&T; gestão da comunicação interna nas organizações científicas: telecomunicações, informática e tecnologia da comunicação⁸.

Os resultados das pesquisas feitas pelo grupo fluem naturalmente através dos canais de difusão nacional e internacional legitimados pela comunidade acadêmica das ciências da comunicação. Mas a equipe dispõe de canais próprios, através dos quais se comunica internamente com os seus discípulos e externamente com os seus pares acadêmicos ou com a sociedade em geral. Além das revistas *Comunicação & Sociedade* (semestral), publicada regularmente desde 1979 e do *Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação Regional*, iniciada em 1997, edita os jornais *Pro-pós-y-tal*, veículo do corpo discente, e *Regiocom*, informativo das atividades da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação. Essa lista inclui também as coleções de livros: *Série Cátedra UNESCO/UMESP*, *Anais da Escola Latino-Americana de Comunicação*; e as coleções de opúsculos acadêmicos: *Relatos de Pesquisas Comunicacionais*, *Fascículos UMESP de Ciências da Comunicação* e *Reprints UMESP*. Registre-se ainda o *Mídia Fórum*, destinado a fomentar o debate sobre questões relevantes da atualidade midiática, que possui duas versões: uma fotocopiada e distribuída internamente no campus; outra veiculada mensalmente numa página especial do diário regional *Diário do Grande ABC*. Está em fase de teste um jornal digital, editado pelos alunos inscritos no Seminário UNESCO/UMESP de Ciências da Comunicação, distribuído semanalmente pela Internet, sob o título *Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação*, onde a produção do grupo ganha difusão mais ampla e através do qual seus membros se abastecem de informações sobre outros grupos de pesquisas, atuantes no país ou no exterior. O grupo também se abastece de informações periódicas sobre o campo, propiciadas pelas séries que a Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação edita periodicamente: *Polêmicas Midiáticas*, *Eventos & Oportunidades* e *Reprints UNESCO*, além das edições temáticas produzidas pelos alunos durante os eventos patrocinados pela UMESP. Possui, finalmente, um *site* na internet, inserido na *web page* da Universidade: www.umesp.com.br.

8 O detalhamento das atuais linhas de pesquisa desenvolvidas pelo Grupo de São Bernardo pode ser encontrado na edição n. 30 da revista *Comunicação & Sociedade* (dezembro, 1998).